

ITÁLIA: REVELAÇÕES E CONFIRMAÇÕES DE UM UNIVERSO EDITORIAL EM MUDANÇA

Giorgio De Marchis, editor e professor de Língua e Literatura Portuguesas na Universidade de Salerno, aponta os novos nomes da emergente literatura italiana. Alguns estão já traduzidos em Portugal; os outros deviam estar a caminho.

Como qualquer outro, o sistema editorial italiano também vive de «casos literários» e precisa de imprescindíveis «livros do ano». Em 2005, por exemplo, uma hábil operação de *marketing* contribuiu para que se falasse muito e se vendesse ainda mais *Con le peggiori intenzioni* (Mondadori), romance de estreia de Alessandro Piperno (n. 1972); no ano seguinte, foi a vez de *Gomorra* de Roberto Saviano (n. 1979), um livro chocante e extraordinariamente bem escrito sobre cuja natureza muito se debateu sem se chegar a uma definição de género para um título que ainda hoje tem que ser encarado como um Objecto Literário Não Identificado. A tradução portuguesa de *Gomorra*, publicada pela Caderno, mostra aos leitores, sem nenhum distanciamento ficcional, a Camorra (máfia napolitana) pelo que realmente ela é: um sistema económico-criminal complexo, brutal, plural e anónimo, que corrói, polui e devora o tecido social que o alimenta. Longe dos estereótipos cinematográficos a *Padrinho*, à Tony Soprano, etc. (que paradoxalmente não retratam mas influenciam o estilo de vida dos criminosos napolitanos!), *Gomorra* é um dos poucos livros que conseguiram falar da situação real do país a todo o país, amedrontando os italianos (povo que, sem ser particularmente corajoso graças à sua indiferença, dificilmente se espanta) e colocando no centro do debate político muitas das questões levantadas pelo seu autor (a crise do lixo em Nápoles, por exemplo, já tinha sido anunciada com muita antecedência por Saviano). Outros «casos» foram a saga familiar de Mariolina Venezia (n. 1961), *Há Mil Anos Que Estou aqui*, publicada em Portugal pela Quetzal e, finalmente, *La solitudine dei numeri primi* (Mondadori) do jovem escritor Paolo Giordano (n. 1982), que ganhou todos os principais prémios italianos (Strega e Campiello Opera Prima), seduzindo críticos e leitores com uma história de amizade, traumas e solidão. A complexa relação entre Alice (uma



Depois do lançamento de *Gomorra*, Roberto Saviano é alvo de atenções especiais de segurança

coxa anorética) e Mattia (um autista obcecado pelo sentimento de culpa por ter causado a morte da sua irmã gémea e retardada) não tem nada de chamativo para um leitor comum; pelo contrário, a incomunicabilidade glacial e obsessiva que arrasta Mattia numa dor reflexa e duplicada no sofrimento de Alice incomoda e perturba a cada página. Contudo, a invulgar beleza do título e da capa, os dois primeiros capítulos empolgantes e a perfeita construção de todas as personagens (sobretudo as secundárias) tornaram um livro difícil e fascinante num *best-seller* que já vendeu mais de 400 mil exemplares.

Nestes últimos anos, porém, as obras mais interessantes – tirando *Gomorra*, de Roberto Saviano – têm-se caracterizado por uma certa «perifericidade», geográfica ou genérica, em relação ao sistema editorial. Exemplares, neste sentido, os contos de Valeria Parrella (n. 1974) reunidos em *Mosca più balena* e *Per grazia ri-*

cevuta e publicados respectivamente em 2003 e 2005 pela editora romana Minimum Fax. Se Saviano revela as regras que regem o sistema económico-criminal da Camorra, Valeria Parrella mostra as consequências de quem é obrigado a viver o drama quotidiano de uma cidade infecta. Nestes contos, Nápoles perde a sua imagem estereotipada; é uma metrópole cansativa e desgastante onde a vida dos seus habitantes obedece só à luta pela sobrevivência e onde não há espaço para o sentimentalismo reles possível em outras latitudes – como diz a protagonista do conto «Dritto dritto negli occhi», gozando implicitamente com o livro mais conhecido de Susanna Tamaro: «Se eu me tivesse deixado levar pelo coração, teria ficado grávida com treze anos no furgão de Totonno o adeleiro.» Com uma escrita brilhante que reelabora literariamente a oralidade característica da sua cidade e recusando qualquer maquilhagem para disfarçar a imoralidade social, Valeria Parrella afir-

ma-se como um dos nomes mais interessantes e originais da nova literatura italiana, em estreita ligação com outras autoras napolitanas como Fabrizia Ramondino (1936-2008) e, sobretudo, Anna Maria Ortese (1914-1998), cujo magnífico livro de 1953, *Il mare non bagna Napoli*, a editora Adelphi acaba de reeditar.

Ao falar de originalidade periférica na actual literatura italiana não podemos esquecer um conjunto de escritores que tem feito da Sardenha, da suas tradições e da sua língua o pano de fundo de algumas obras muito interessantes. É o caso de *Sardinia Blues* (Bompiani), o último romance de Flavio Soriga, 33 anos, o mais novo escritor desta vaga literária. Ao contar as aventuras de três pícaros, Soriga diverte e comove o leitor mas fala também sobre o que significa ser sardo hoje e o Projecto para Facilitar a Imigração Paralela, inutilmente organizado pelos protagonistas de *Sardinia Blues* para trazer senegaleses, moldavas, chinesas e polacos. Completamente diferente o estilo de Salvatore Niffoi (n. 1950). Em romances como *La leggenda di Redenta Tiria* e *La vedova scalza*, publicados pela editora Adelphi em 2005 e 2006, o escritor faz das regiões do interior da ilha um universo fantástico e universal que tem muito a ver com a recriação do sertão feita por Guimarães Rosa (e a ligação com a literatura brasileira em Niffoi é explícita, tanto que se no primeiro romance há uma epígrafe tirada do *Grande Sertão: Veredas*, no segundo a fonte é *Macunaima*).

Deste conjunto de escritores sardos, uma das mais conhecidas é Milena Agus, que os portugueses poderão ler na tradução do seu romance mais famoso, *Mal di pietre*, de que a Presença já adquiriu os direitos. O seu último livro, *Ali di babbo* (Nottetempo), confirma a existência de uma escritora original que descreve, dum ponto de vista feminino, uma Sardenha em transformação, ameaçada pelo turismo de massa e pela especulação imobiliária. Contudo, não se poderia falar de Soriga, de Niffoi e de Agus sem recordar Sergio Atzeni, autor que

com livros como *Il figlio di Bakunin* (Sellerio), *Il quinto passo è l'addio* (Mondadori) e *Bellas mariposas* (Sellerio) começou a falar da Sardenha de uma forma original nova. A sua trágica morte, em 1995, quando tinha apenas 43 anos, interrompeu a carreira de um dos mais promissores nomes da literatura italiana. As poucas obras de Atzeni continuam, porém, a ser lidas e a ser consideradas como pequenas obras-primas.

Paolo Giordano é uma das revelações literárias. Ganhou os principais prémios italianos e o seu livro já vendeu mais de 400 mil exemplares.

Mudando completamente de perspectiva, há outro aspecto da mais recente produção romanesca transalpina que algum crítico arriscou reunir sob a definição bastante discutível de Nova Épica Italiana (NEP). Tratar-se-ia, em suma, de um conjunto de romances que procuraram reescrever a História a partir dum ponto de vista excêntrico, juntando complexidade formal, popularidade e pulsão ética e recusando a ironia e o aspecto mais lúdico do pós-modernismo. A definição, em si, não convence e não parece aplicável a todas as obras em questão, mas não há dúvida que muitos dos títulos indicados como exemplares desta NEP estão entre as obras de ficção mais apreciadas pelos leitores italianos. Sem considerar a literatura policial que, com escritores como Andrea Camilleri e Massimo Carlotto, continua a representar uma boa maneira de retratar os problemas do país, poder-se-ão citar os romances de Giancarlo De Cataldo (n. 1956), *Romanzo criminale* e *Nelle mani giuste* (Einaudi), como exemplos de obras de grande fôlego e complexidade que

conseguiram cativar a atenção e o apreço dos leitores. Se com o primeiro, publicado em 2002, o autor fez da história de um dos grupos criminosos mais sangrentos do país, o «bando da Magliana», o pretexto para descrever as ligações entre Estado, terrorismo e máfias nos anos 70 e 80, com *Nelle giuste mani*, o juiz Cataldo (além de ser escritor, é de facto um dos juizes italianos mais importantes) completou a história criminal do país, mostrando as estreitas conexões entre máfia e política, reconstruindo os anos que vão desde o escândalo «Mãos Limpas» de 1992 e o fim da Primeira República até à entrada na política de Silvio Berlusconi. É evidente que um leitor italiano poderá decifrar com maior facilidade todo o subtexto, feito de referências a factos e personagens da história nacional, contudo *Romanzo criminale*, por exemplo, mereceria uma tradução em português. Algo parecido com o que fez De Cataldo foi recentemente tentado por Carlo Lucarelli (n. 1960) – escritor que os portugueses já conhecem graças aos livros *Almost Blue* e *A Ilha do Anjo Caído* publicados pela Verbo –, ao contar a efémera aventura colonial italiana nos derradeiros anos do século XIX em *L'ottava vibrazione* (Einaudi), obra coral onde mistura todos os dialectos de Itália e histórias à volta da derrota de Adua (1896), naquela África italiana que Lucarelli considera ser o nosso Far West ainda sem epopeia. Infelizmente, o livro não acrescenta nada à produção anterior deste escritor que mereceria ser lido sobretudo através do tríptico policial do inspector De Luca na Itália dos últimos anos do fascismo: *Carta bianca*, *L'estate torbida* e *Via delle oche* (Sellerio).

Já que mencionei a presença italiana em África, gostaria de concluir com a referência a Cristina Ali Farah (n. 1973), autora italo-somali que faz parte dessa geração de escritores migrantes que hoje escrevem em italiano e que, nalguns casos, representam a maior novidade na actual literatura italiana. O seu livro *Madre piccola* (Frassinelli) é prova disso. ■ **Giorgio De Marchis**